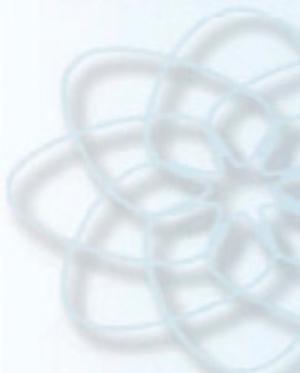


Teo
Lite
rária



Texto enviado em
21.11.2018
e aprovado em
12.03.2019.

V. 10 - N. 20 - 2020

*Vinícius Lara da Costa é historiador, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (Minas Gerais), onde desenvolve pesquisa intitulada “Uma excursão ao mundo dos mortos: o surgimento do *modern spiritualism* e suas relações com o cenário religioso norte americano no século XIX”. Email: vinicius.lara@yahoo.com.br

**Rodrigo Portella é professor associado I no Departamento de ciência da Religião da UFJF. Email: rodrigo@portella.com.br

Letras imortais: a presença das ideias espíritas / espiritualistas na obra de autores clássicos da literatura americana e europeia.

Immortal letters: the presence of spiritist / spiritualist ideas in the work of classical authors of American and European literature.

Vinícius Lara da Costa*

Rodrigo Portella**

RESUMO:

Abordando as relações entre vida e morte, o *modern spiritualism* norte americano e o espiritismo francês se converteram em movimentos de caráter religioso muito rapidamente a partir da segunda metade do séc. XIX. Além de obras produzidas por apologistas da causa, ocorreu movimento interessante de identificação de vários autores da literatura clássica com as ideias do contato com o mundo invisível. A partir desta leitura, nos deparamos com relatos auto biográficos e literários significativos nas obras de Arthur Conan Doyle, Harriet Beecher Stowe e Victor Hugo. O objetivo deste trabalho é identificar, destacar e analisar a presença das idéias espiritualistas na produção de alguns escritores do século XIX e início do século XX.

Palavras-Chave: Modern Spiritualism, Espiritismo, Literatura, Séc. XIX.

ABSTRACT:

Approaching the relations between life and death, American modern spiritualism and French spiritualism became religious movements very quickly from the second half of the century. XIX. In addition to works produced by apologetics of the cause, there was an interesting movement to identify several authors of classical literature with the ideas of contact with the invisible world. From this reading, we come across significant autobiographical and literary accounts in the works of Arthur Conan Doyle, Harriet Beecher Stowe and Victor Hugo. The aim of this work is to identify, highlight and analyze the presence of spiritualist ideas in the production of some writers of the nineteenth and early twentieth century.

Keywords: Modern Spiritualism, Spiritism, Literature, Séc. XIX, Séc. XX.

Este trabalho é um exercício sumário. É importante que se diga isso porque cada um dos objetos aqui explorados pelos autores poderia ser desdobrado em dissertações inteiras, voltadas exclusivamente para identificar a ideia por detrás dos homens e dos tempos. Usamos a palavra sumário também por outro motivo: desejamos apontar a existência de um vasto e pouco explorado campo de estudos em redor dos movimentos religiosos mediúnicos surgidos no século XIX. Ao privilegiar o Espiritismo francês e suas ramificações fenomenológicas no Brasil, ignora-se parcela importante da religiosidade americana. Há um instigante universo a ser explorado pela História, Literatura e Ciências Religiosas em torno do assunto.

De maneira ampla, pretendemos refletir a respeito das origens do movimento conhecido como *modern spiritualism*, que se desenvolveu nos Estados Unidos na década de 1840, e suas características de modernidade, sobretudo, nas relações estabelecidas com a produção literária de alguns importantes escritores ao longo do século XIX e início do século XX. Aqui é importante determinar os limites entre alguns conceitos, porque, se ao longo do tempo subsistiu no imaginário coletivo a ideia de que todo processo de comunicação com o além é atributo do Espiritismo francês – ou em sua variação mais popular no Brasil, o kardecismo –, na realidade, este último pode ser encarado como derivação do *modern*

spiritualism americano. Uma parcela bem pequena dos espiritualistas – era assim que se identificavam – se definiriam como espíritas de modo estrito. A afinidade entre os dois movimentos seria, em última análise, a crença na possibilidade de que os mortos se comunicassem com os vivos através de indivíduos dotados de certas faculdades especiais, e que isso não seria mais do que uma lei natural até então ignorada.

A família Fox, composta por um casal de meia idade – John e Margareth – e suas duas filhas mais jovens, respectivamente com 14 e 10 anos de idade – Maggie e Kate –, se mudaram para a pequena comunidade de Hydesville, localizada no município de Arcadia, no condado de Wayne, em Nova York. Como o inverno de 1847 foi mais rigoroso que os anteriores, o pai não conseguiu terminar a construção de sua própria residência, o que levou toda a família a alugar um antigo casarão pelo tempo que a obra demorasse. O prédio, todo em madeira, ficava localizado em uma região movimentada da cidade, entre as estradas de Hydesville e Parker, local onde hoje está construído um memorial ao moderno espiritualismo.

Nas duas últimas semanas de março do ano de 1848, fenômenos insólitos agitaram a pequena comunidade e se tornaram o assunto de todo o condado. A família começou a escutar estranhos ruídos espalhados pela casa. Gradualmente eles foram se tornando mais fortes e por fim eram como grandes estalos, móveis supostamente eram movimentados e as camas sacudidas durante a noite. Todos dormiam no mesmo cômodo e por mais que procurassem as causas de tais eventos, os esforços eram inúteis e o nível de tensão aumentava. Na noite de 31 de março, houve relatos de que as meninas que ouviam os barulhos e não conseguiam dormir tentaram imitá-los e foram respondidas pelos sons, dando início a uma rústica forma de comunicação entre o batedor invisível, a família espantada e, em pouco tempo, toda a comunidade curiosa. Daí a algumas semanas as pancadas teriam se identificado como um espírito que fora assassinado na casa e enterrado no porão. Segundo registros, centenas de pessoas – amistosas ou não – visitavam os Fox para con-

versar com o morto que respondia a suas perguntas e mostrava familiaridade com suas vidas particulares.

De certa forma, a morte não era distante da vida daquelas pessoas. Todos os dias conhecidos ou familiares padeciam de doenças, acidentes de trabalho, traumatismos advindos de queda de animais, suicídios ou assassinatos. Segundo Wells (2000), mais de um quinto das crianças que nasciam no período, morriam antes de comemorar o primeiro aniversário e a expectativa de vida não passava muito dos quarenta anos. Um morto que se comunicava do além de forma tão clara, mais do que um assombro, seria um instigante convite para o intercâmbio entre membros de uma mesma comunidade que se encontravam distantes.

Também é provável que praticamente a totalidade dos norte-americanos dos anos de 1840 não desconhecêssem os espíritos. Em diversas histórias eles eram identificados ora como entidades independentes, ora como a manifestação de alguém que tivesse morrido. Mesmo que o século XIX se orgulhasse de sua racionalidade e progresso material, havia uma riqueza enorme de crenças no sobrenatural derivadas do folclore nativo, do cristianismo ou da cultura popular. Alguns exemplos podem ser encontrados nos relatos de John Wesley, fundador do metodismo, a respeito de uma aparição sobrenatural que importunava o lar de seu pai e família. Havia também ampla penetração das ideias e práticas do Magnetismo Animal, conforme proposto por Franz Anton Mesmer, e que defendiam tratamentos médicos (*mesméricos*) induzindo os pacientes ao transe: o chamado sono magnético. Em meados do século XIX, além de ser utilizado em terapias, os tranSES *mesméricos* se tornaram grande diversão em salões e festas (LEONARD, 2005).

Vale destacar, enquanto reconstruímos algumas possíveis inspirações histórico-religiosas do moderno espiritualismo, a forte impressão causada pela obra do sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772) quando chegou aos Estados Unidos. Ele escreveu sobre suas conversas com Deus, Jesus, espíritos e anjos e isso de modo tão envolvente que seus

seguidores chegaram a fundar a Igreja de Nova Jerusalém. As descrições de Swedenborg a respeito do paraíso eram vívidos e apresentavam o mundo dos espíritos com avenidas largas, casas, prédios, jardins e almas que vestiam roupas e agiam como mortais. Curioso é que um nova-iorquino chamado Andrew J. Davis (1826-1920), alegou no mesmo período em que os fenômenos de com a família Fox aconteciam, ter visões de Swedenborg quando entrava em transe mesmérico avocando para si a função de aperfeiçoar os escritos deste último. As irmãs Fox, embora fossem ainda pequenas, cresceram em um ambiente cercado de relatos e mistérios, e quando os eventos de Hydesville estouraram já faziam parte de um imaginário constituído.

Após esses eventos iniciais, as pequenas Kate e Maggie passaram um tempo na casa da irmã mais velha, Leah, na cidade de Rochester. As batidas teriam acompanhado a família, e registros apontam que era sobretudo na presença da mais jovem que os fenômenos aconteciam mais facilmente. Depois de um breve período em que as três estiveram juntas, também a mais velha teria despertado suas faculdades sobrenaturais e todas juntas iniciaram uma série de apresentações públicas em diversas regiões do país e mesmo fora dos Estados Unidos. Comitivas de investigadores eram formadas com a finalidade de descobrir a origem das pancadas sem que houvesse consenso entre eles. O assunto explodiu pelos jornais e muitos curiosos aderiram à prática das então nomeadas *séances*, ou sessões. Na década de 1850 este movimento se identificava como *moderno espiritualismo* e se multiplicava por todos os lados o número de médiuns, de adeptos, de críticos e também de fraudes postas à claro (VASCONCELOS, 2003).

Quando as irmãs começaram a se apresentar e atraíram a atenção do país para os eventos insólitos que protagonizavam, o número de médiuns explodiu e em vários lugares surgiam novas sessões nas quais os mais diversos tipos de espíritos se manifestavam, orientavam e instruíam os vivos tratando de assuntos teológicos a respeito da vida além da morte, mas também se pronunciando sobre coisas bem concretas

como a pertinência de negócios ou a previsão do futuro¹.

Novos médiuns surgiam a cada momento e novas modalidades de comunicação eram descobertas. Em uma edição de 1860 da revista *The Spiritual Magazine* foram descritos os fenômenos até então catalogados: havia comunicações através de raspões e pancadas em mesas, por meio de sons e da movimentação de corpos ponderáveis, através da “escrita automática” e de desenhos e pinturas. Também havia comunicações verbais sob transe, clarividência, clariaudição, incorporações e até mesmo manifestações musicais (NELSON, 1967, p. 29). Mas, como as sessões aconteciam e em que medida os agrupamentos que se espalhavam e multiplicavam pelo território norte americano mantinham uma unidade de princípios?

O dogma central do moderno espiritualismo era – e isto permanece ainda vivo em seus desdobramentos históricos como o Espiritismo Kardecista ou a Teosofia – o de que a morte não existe. O estado comumente chamado de morte seria uma transição na qual os seres não deixariam de existir, podendo se comunicar com os vivos a partir do local onde estivessem. Para isso seria necessária a contribuição dos médiuns, aqueles homens ou mulheres que poderiam se sintonizar com o mundo invisível e transmitir de lá mensagens ao restante das pessoas que não possuíam essa habilidade.²

As chamadas sessões aconteciam tanto de modo público e ostensivo, sob a cobrança de ingressos – conforme realizado em diversos lugares pelas irmãs Fox –, quanto em caráter mais reservado e gratuito

1. Sobre a penetração dos fantasmas em assuntos de vivos, ver o caso de George Willets, que teria se mudado para Hydesville sob orientação de seu pai falecido em comunicações recebidas através de Kate Fox (WEISENBERG, 2011, p. 96-98).

2. Uma definição mais precisa do termo pode ser encontrada em Kardec, segundo o qual “todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.” (KARDEC, 1999, p 181).

no seio de famílias ou sociedades que cediam espaço físico e mental à possibilidade do intercâmbio com o além. De modo geral, essas sessões seguiam um padrão. Tomadas as medidas de segurança contra as fraudes entendidas como necessárias, a assistência deveria se sentar ao redor de uma mesa, as luzes eram diminuídas e após algum período de silêncio mais ou menos longo começavam a se escutar no ambiente sons, rangidos, movimentos de objetos ou outras formas de intervenção sobrenatural. Não havia tempo definido para a duração dos eventos, o que fazia com que essas reuniões pudessem durar muitas horas ou apenas alguns minutos. Perguntas realizadas aos espíritos eram respondidas através de pancadas, escrita direta ou mesmo, em algumas circunstâncias, através de fenômenos de incorporação.

Encontrar uma identidade ampla entre todos os praticantes do *modern spiritualism* é algo impossível. Excetuando-se a crença em que os mortos poderiam se comunicar com os vivos e que o faziam com frequência, não conseguimos decifrar um credo único abraçado por todos eles (OPPENHEIM, 1985, p. 55). Havia grupos que pregavam a reencarnação como forma de evolução dos espíritos, outros defendiam que o moderno espiritualismo deveria se tornar uma ciência oficial e disputar espaço nas academias e universidades³. Surgiram os defensores de que a mediunidade se tornasse uma profissão como outra qualquer e também aqueles que entendiam que ela deveria ser um instrumento gratuito de consolação e instrução, por exemplo.

O indivíduo é uma das chaves para a grande produção de sentidos do moderno espiritualismo. Não se comunicavam com “fantasmas”, entidades difusas ou anjos impessoais: era o pai que voltava a chamar atenção do filho ou a mãe que questionava o casamento da filha. Espíritos fa-

3. Vários antropólogos, psicólogos, químicos ou naturalistas se dedicaram aos estudos do moderno espiritualismo como uma nova ciência. Dentre eles podemos destacar rapidamente os trabalhos de Allan Kardec, Alfred Russel Wallace, Cesare Lombroso, William Crookes, William James, Alexander Aksakof, Camile Flamarion, dentre outros.

miliares respondiam sobre negócios, sobre a política⁴ e sobre o paraíso celeste. Em um período no qual a expectativa de vida era baixa e a vida estava sob constantes alterações, assim como os vivos se separavam de sua terra natal e migravam para o oeste à procura de sucesso, os mortos voltavam à vida a fim de partilhar desses momentos e manter o vínculo familiar. Se considerarmos que durante a Guerra Civil Americana milhões de pessoas morreram, a esperança na sobrevivência e no contato com a personalidade dos indivíduos falecidos cumpriu importante papel na difusão do *modern spiritualism*.

Outro fator muito particular para a emergência do movimento foi uma espécie de brecha que surgiu da separação entre ciência, política e religião no contexto de uma *pax moderna*. Esta paz fundamentava-se na ideia de que diferentes domínios da realidade corresponderiam a um conjunto de saberes específicos de sua área, sem que as evidências tomadas por alguma delas tivesse que valer para as demais. Trata-se da separação entre universos conceituais e discursivos diferentes que não deveriam se misturar uns com os outros. A questão se torna motivo de estudo exatamente porque os modernos espiritualistas acreditavam que o contato com os espíritos não seria algo fantástico, na verdade, se trataria de uma força natural presente no mundo desde todos os tempos e que apenas agora estava sendo descoberta pelos homens. Em um momento em que avanços tecnológicos incríveis para a época como o telégrafo, a expansão das ferrovias, os estudos a respeito da eletricidade e o discurso da razão superando as credices propiciavam uma ânsia modernizadora, o contato com os espíritos reivindicou o espaço de nova ciência e se tornou alvo da atenção de figuras importantes na época e que associaram suas trajetórias particulares à crença em mundos invisíveis.

4. Há inclusive um interessante debate a respeito da participação de Abraham Lincoln de algumas sessões espiritualistas, mas ainda que não se tenha clareza sobre o fato, existem várias referências a médiuns e mesmo comunicações espirituais destinadas ao presidente que foram preservadas pela coleção *Abraham Lincoln Papers*, disponível na Biblioteca do Congresso americano (BRAUDE, 2005; WEISEBERG, 2011).

Ao mesmo tempo em que o *modern spiritualism* se espalhava, foi se institucionalizando aquilo que nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha ficou conhecido como “*psychical research*”, que dividia os mesmos objetos de pesquisa com o movimento espiritualista. Durante a segunda metade do século XIX, a problemática central das pesquisas psíquicas foi a existência e imortalidade da alma e a existência de mundos imateriais ou de planos em que a matéria escapasse da objetivação dos mecanismos científicos até então desenvolvidos. O número de fraudes desmascaradas pelas sociedades de pesquisas psíquicas surgidas no período foi enorme, mas na medida em que ilustres pesquisadores declaravam perceber um viés científico no contato com os mortos, as sessões mediúnicas se posicionavam entre os nichos da religião e da academia, algo até então inédito.

Na esteira destes acontecimentos é que podemos localizar os três autores que nos propomos analisar neste trabalho. Por uma organização cronológica, iremos seguir cada um deles tendo como referência o surgimento do *modern spiritualism* em 1848, o que nos permitirá perceber como o próprio conteúdo espiritualista em suas obras e vida particular se torna mais explícito à medida em que o movimento espiritualista como um todo também se desenvolve. Deste modo visitaremos parte da produção de Harriet Beecher, Victor Hugo e Arthur Conan Doyle.

Ao lado da possibilidade emocional de contato com a alma dos mortos, há também outro aspecto do movimento espiritualista que merece destaque: sua faceta progressista. Com exceção do espiritismo francês, que produziu um sistema doutrinário e moral a partir da mediunidade, em diversos lugares por onde falavam os espíritos, suas exortações eram orientadas para a renovação social, a conquista de direitos para as mulheres e, no caso específico dos Estados Unidos, para a abolição da escravidão. Muitos intelectuais que viveram na segunda metade do séc. XIX se aproximaram do espiritualismo devido a estas bandeiras. As sessões, além de promover os encontros com os espíritos, eram momentos bastante humanos em que os vivos poderiam se encontrar e partilhar

suas visões de mundo.

O caso de Harriet B. Stowe é emblemático sobre o modo como famílias de classe média e alto nível intelectual aderiram às práticas espiritualistas nos Estados Unidos. Segundo Ann Braude:

Early converts included individual whose prominence made the manifestations difficult to dismiss as fraud perpetrated on the credulous. Every notable progressive family on the nineteenth century had his advocate of Spiritualism, some of them more than one. Anna Blackwell, eldest and most radical sibling of pioneer doctors Elizabeth and Emily and abolitionists Henry and Sam, adopted Spiritualism by 1850 and became a vociferous lifelong advocate. The ubiquitous Beecher family contributed Charles Beecher and Isabella Beecher Hooker to the ranks, while Harriet Beecher Stowe became a serious investigator (BRAUDE, 2001, p. 27).

A respeito da produção literária de Stowe, podemos apontar dois livros em que aparece explicitamente o imaginário espiritualista: *A Cabana do Pai Tomás* (1852) e *Old Two Folks* (1869).

O primeiro título é um romance novelesco que trata do, à época, atualíssimo tema da abolição da escravatura nos Estados Unidos. Ao descrever as condições de extremo sofrimento em que viviam os escravos, tomando Tom - um escravo negro - como personagem principal, é normalmente atribuída a esta obra a exacerbação dos sentimentos abolicionistas.

A relação entre Stowe e as ideias do *modern spiritualism* é apontada por Bozzano:

Relativamente ao seu grande romance *A Cabana do Pai Tomás*, extraído da *Light* (1898, p. 96) as seguintes informações: “A sra. Howard, amiga íntima da sra. Beecher-Stowe, forneceu essas curiosas indicações relativamente às modalidades na qual o famoso romance foi escrito. As duas amigas estavam em viagem e pararam em Hartford para passarem a noite em casa da sra. Perkins, irmã da sra. Stowe. Elas dormiram no mesmo quarto. A sra. Howard despiu-se imediatamente e ficou,

do seu leito, observando sua amiga ocupada em pentear, automaticamente, seus cabelos anelados, deixando transparecer em seu rosto intensa concentração mental. Nesse ponto a narradora continua assim:

Finalmente Harriete pareceu sair desse estado e disse-me:

— Recebi, nesta manhã, cartas do meu irmão Henry que se mostra bastante preocupado a meu respeito. Ele teme que todos esses elogios, que toda essa notoriedade que se criou em torno de meu nome, produzam o efeito de provocar em mim uma chama de orgulho que possa prejudicar minha alma cristã.

Isto dizendo parou o pente exclamando:

— Meu irmão é, incontestavelmente, uma bela alma, porém ele não se preocuparia tanto com esse caso se soubesse que esse livro não foi escrito por mim.

— Como - perguntei eu, estupefata -, não foi você quem escreveu *A Cabana do Pai Tomás*?

— Não - respondeu ela -, não fiz outra coisa senão tomar nota do que via.

— Que está dizendo? Então você nunca foi aos Estados do Sul?

— É verdade, todas as cenas do meu romance, uma após outra, se me desenrolaram diante dos olhos e eu descrevi o que via.

Perguntei ainda:

— Pelo menos você regulou a sequência dos acontecimentos?

— De modo algum - respondeu-me ela -; sua filha Annie me censura por ter feito morrer Evangelina. Ora, isso não foi por minha culpa; não podia impedi-lo. Senti-o mais do que todos os leitores; foi como se a morte tivesse atingido uma pessoa da minha família. Quando a morte de Evangelina se deu, fiquei tão abatida que não pude retomar a pena por mais de duas semanas. (BOZZANO, 2013, p. 14-15)

Há ainda outro relato interessante sobre a família de Stowe contido na mesma obra de Bozzano:

O marido, prof. Stowe, era médium vidente. Ele viu muitas vezes, ao redor de si, fantasmas de defuntos, de maneira tão nítida e natural que por vezes lhe era difícil discernir os espíritos “encarnados” dos “desencarnados” (BOZZANO, 2013, p. 14).

O caso de *Old Two Folks* é também interessante do ponto de vista da visão da autora a respeito de suas crenças particulares, mas, acima disso, do interesse que as ideias sobre o mundo do além causavam nos leitores de seu tempo. Por se tratar de tema com ampla apelação comercial encontraremos Harriet B. Stowe a pressionar seu editor pela publicação do novo título, conforme destaca Ann Braude:

Harriet Beecher Stowe, one of the best-selling authors of the nineteenth century, urged her Publisher to send a review copy of her book *Old Two Folks* to *Banner of Light*. "That paper commands an immense circulation and influence," she wrote, "and a notice of the 'spiritualistic features' of the book in it would ensure a sale of many copies. The Publisher took her advice." (BRAUDE, 2001, p. 27)

Nota-se que não há nas referências citadas a interpretação filosófica ou teológica da relação com os mortos, e isso exatamente porque nas décadas a de 1850-1860 esses conceitos ainda estavam se desenvolvendo.

Especialmente relevante é a descrição da amiga de Stowe sobre a forma como o livro teria sido escrito, donde se destacam duas situações inusitadas: a visão externa das cenas e a impossibilidade de modificar o destino das personagens. Em 1852, muito pouco se tinha consolidado em torno das sessões espiritualistas, de modo que ainda não havia unidade nem mesmo no discurso dos diversos grupos para que descrevessem fenômenos básicos, como as noções de escrita direta ou psicografia⁵. No relato citado, tudo indica que a autora teria redigido seu livro através de uma espécie de escrita psíquica.

Saltando para a Europa podemos analisar o trabalho de Victor Marie Hugo (1802-1885), o novelista francês imortalizado por obras como *O Corcunda de Notre-Dame* (1831), *Os Trabalhadores do Mar* (1862) e *Os Miseráveis* (1862). Ativista ligado aos direitos humanos e defensor de

5. Kardec define duas expressões pertinentes a este tema. 1) Psicógrafo: o que usa psicografia; médium escrevente. 2) Psicografia: escrita dos Espíritos pela mão do médium (KARDEC, 1999, p. 448).

uma democracia liberal, Hugo foi eleito deputado na segunda república francesa, em 1848, mas quando ocorreu o golpe de estado protagonizado por Napoleão III, acabou se exilando em de Jersey, Guernsey e posteriormente em Bruxelas. De seu exílio teceu duras críticas ao governo francês, inclusive negando-se a receber a anistia concedida a todos os exilados pouco tempo depois de sua partida.

Dono de uma bibliografia profícua e de um gênio não menos instigante, interessa-nos com mais atenção um pequeno recorte de sua vida na ilha de Jersey, entre 1853 e 1855. Apresentado por um amigo à sessões espiritualistas que ganhavam salões na América, França e demais países europeus, a residência da família Hugo seria palco para diversas *séances* documentadas pelo próprio Victor Hugo em que mais de uma centena de espíritos, como Dante, Shakespeare, Molière, Voltaire, Jesus e Maomé se manifestariam, e por meio de diálogos através de batidas e movimentos das mesas, responderiam às perguntas dos presentes.

Em meio a uma bucólica rotina em sua nova morada, num pequeno povoado onde não haviam bibliotecas, museus ou grandes movimentos culturais, Hugo se dedicaria entre setembro de 1853 - com a chegada à ilha de Delphine de Girardin⁶ - e outubro de 1855 a realizar quase diariamente sessões espiritualistas em sua casa. Interessante destacar que além dos nomes ilustres, também surgiram nestes colóquios personagens mais abstratos como a Sombra do Sepulcro, a Crítica, a Metempsicose, o Drama ou a Morte. O editor Patrice Boivin comenta a respeito do envolvimento de Hugo com as mesas girantes e falantes:

A que necessidade se curvava Victor Hugo em Jersey quando fazia as mesas girarem? “Fazer do ocultismo um projeto completo de sociedade e, simetricamente, do socialismo um sonho místico do outro mundo”, um

6. Delphine de Girardin (1804-1855) - Nasceu Delphine Gay em Aix-La-Chapelle em 26 de janeiro de 1804. Casou-se com Émile de Girardin, jornalista e político francês, passando então a ser conhecida como sra. Émile de Girardin. Se tornou jornalista, após o casamento em 1831, escrevendo no jornal La Presse no período de 1836 a 1848, sob o pseudônimo de visconde de Launay crônicas da sociedade do tempo de Luís Filipe. Essas crônicas ficaram conhecidas como cartas parisienses.

projeto de sociedade emancipada do cristianismo segundo uma singular teoria do destino social, muitas vezes discutida com Pierre Leroux na praia de Samaretz, no fim de 1853, cujas chaves convém procurar no oculto e “nas solidariedades humanas nos túmulos” (HUGO, 2018, p. 12).

Mas a pergunta mais importante talvez seria: qual a repercussão destes eventos na obra hugoana? A coletânea das sessões de Jersey, que em sua maioria foram redigidas pelas próprias mãos do literato, foram enfileiradas em cadernos e também estão publicadas. Ao todo são mais de 600 páginas contendo os diálogos. Ainda Patrice Boivin nos esclarece:

E, de fato, o conteúdo das revelações [recebidas através das sessões espíritas] virá a ser fonte de influência do quinto e sexto livros das Contemplações, bem como de determinados poemas de *O ano terrível*, *O fim de Satã*, *Os quatro ventos do espírito*, *A legenda dos séculos*, *Deus*, *Toda a Lira* ou ainda *William Shakespeare*. Operando o casamento das palavras solenes dos espíritos de Jersey e da poesia hugoana que delas emana, as Mesas são, portanto, um marco no desenvolvimento da obra de Victor Hugo (HUGO, 2018, p. 13).

No livro *Os trabalhadores do Mar* (1866), dedicado à ilha de Jersey, aparecem algumas imagens que remontam ao período em que Hugo realizava suas experimentações mediúnicas e à crença a respeito de uma esfera espiritual e invisível ao redor dos homens:

Dizia ele: se o mar está cheio de criaturas, por que motivo a atmosfera será vazia? Criaturas cor do ar podem escapar aos nossos olhos por causa da luz; quem nos prova que essas criaturas não existem? A analogia indica que o ar deve ter os seus peixes, como o mar; os peixes do ar serão talvez diáfanos, benefício da providência criadora, tanto a nosso favor, como a favor deles; deixando passar a luz através da sua forma, e não fazendo sombra, ficam ignorados de nós, e nada poderemos saber. Gilliatt imaginava que, se pudesse esvaziar a atmosfera, pescando-se no ar como num tanque, achar-se-ia uma porção de criaturas surpreendentes. (Hugo, Victor. *Os Trabalhadores do Mar* [com índice ativo]. Centaur. Edição do Kindle.)

Em outro trecho, quando falava sobre a conduta de Gilliat, protagonista da trama, Hugo insere em meio aos pensamentos do jovem a afirmação:

As coisas sombrias do mundo ignorado tomam-se vizinhas do homem, ou porque haja verdadeira comunicação, ou porque as distâncias do abismo tenham crescimento visionário; parece que as criaturas invisíveis do espaço vêm contemplar-nos curiosas a respeito da criatura da terra; uma criação fantasma sobe ou desce para nós, no meio de um crepúsculo; ante a nossa contemplação espectral, uma vida que não é a nossa agrega-se e dissolve-se, composta de nós mesmos e de um elemento estranho; e aquele que dorme, nem completo vidente, nem completo inconsciente, entreve as animalidades estranhas, as vegetações extraordinárias, as cores lívidas, terríveis ou risonhas, as larvas, as máscaras, os rostos, as hidras, as confusões, os luares sem lua, as obscuras decomposições do prodígio, o crescer e o decrescer no meio da espessura turvada, a flutuação de formas nas trevas, todo esse mistério que chamamos sonho, e que não é mais do que a aproximação de uma realidade invisível. (Hugo, Victor. *Os Trabalhadores do Mar* [com índice ativo]. Centaur. Edição do Kindle).

Ao nos depararmos com estes “anos ocultistas” enriquecem-se as possibilidades de análise de sua obra em relação ao movimento espiritualista francês e à própria religião de Victor Hugo. O tema da comunicação com os mortos, inclusive, pode ser tomado como fonte de elaboração de um sistema de compreensão através do qual Hugo percebia a realidade. Em correspondência enviada a Mme. de Girardin no dia 04 de janeiro de 1855 ele escreve:

The tables do in fact tell us some surprising things. How I should like to talk with you, and kiss your hands, your feet, or your wings ! Did Paul Meurice tell you that a whole quasi-cosmogonical system, hatched by me and half committed to paper for twenty years, had been confirmed by the tables with splendid amplifications? We live in a mysterious landscape which opens out new prospects, and we think of you, to whom we owe this glimpse into another world. The tables enjoin on us silence and secrecy. You will therefore find nothing from them in the

Contemplations, with the exception of two details, of great importance, it is true, for which I have asked permission (I underline these words), and which I will indicate by a note. (MEURICE, 1898, P. 128-129)

Tanto na obra Harriet Stowe quanto nas experiências de Victor Hugo há a explícita referência à suas práticas espiritualistas. Os autores se dedicam abertamente à realização de tais sessões exatamente por não compreendê-las - e isso é um fato interessante no início de todo o *modern spiritualism* - como religião em sua concepção estrita. Embalado pelo positivismo progressistas e racionalista do século XIX, o movimento das “mesas girantes”, das sessões mediúnicas e do contato com os mortos mais se afeiçoava a um avanço racional do que ao alastramento do misticismo.

Nosso terceiro caso de análise é o do escritor inglês Arthur Conan Doyle (1859-1930). Dentre todos, se trata do mais destoante por pelo menos dois motivos: suas obras em estudo são posteriores às dos demais, tendo sido escritas, em maioria, já no primeiro quarto do século XX, bem como por ter se tornado o autor de Sherlock Holmes, um apoloquista e propagandista declarado das sessões espíritas e dos famosos médiuns de seu tempo.

Conan Doyle nasceu em 1859, em Edimburgo, Escócia, em uma família católica, e cresceu durante o pontificado de Pio IX, quando a autoridade papal foi reforçada. Aos oito anos de idade iniciou seus estudos em colégios jesuítas no Reino Unido e na Áustria, onde permaneceu até os dezessete anos. Neste período, embora estivesse familiarizado com os sacramentos e outros aspectos do catolicismo, Doyle viveu uma crise a respeito da fé, que o levaria a abandonar a Igreja Católica em busca de novas religiões ou crenças que fossem capazes de lhe convencer o raciocínio. A respeito deste momento ele escreveria:

I must have definite demonstration, for if it were to be a matter of Faith then I might as well go back to the Faith of my fathers. Never will I accept anything which cannot

be proved to me. The evils of religion have all come from accepting things which cannot be proved. So I said at the time, and I have been true to my resolve (DOYLE, 1924, p. 27).

Em 1888, após algumas pesquisas a respeito dos mórmons – o que inclusive serviu de material para a redação de seu livro *Um Estudo em Vermelho* (1887) – Doyle teve sua primeira experiência espiritualista. Logo após evento, no dia 02 de julho, ele escreveu ao jornal espiritualista *Light*, relatando os eventos envolvidos em sua conversão ao espiritua-lismo. De acordo com o texto ele teria se convertido após a leitura dos trabalhos de John W. Edmonds, Alfred Russel Wallace e do General Drayson sobre os fenômenos espirituais (GIBSON; GREEN, 1986).

Entre 1888 e 1916 Conan Doyle esteve ativamente envolvido com o movimento espiritualista. Em 1881, inclusive, passou a fazer parte da Sociedade de Pesquisas Psíquicas e, durante a mesma década, contribuiu bastante com o jornal *Light*. Seus trabalhos durante este período mostraram seu interesse pelo assunto. A obra *The Mystery of Cloomber* (1888), por exemplo, foi descrita como sendo “embaraçosa-mente pró-espiritualismo” (LELLENBERG, 1987, 188). Também será deste mesmo espaço de tempo a publicação de mais três livros, que alguns críticos enxergam como autobiográficos, e que apresentam a vi-são de Doyle a respeito do contato com o espírito dos mortos. São eles *Beyond the City* (1893), *The Stark Munro Letters* (1895) e *A Duet With Occasional Chorus* (1899).

A relação estabelecida com o movimento espiritualista lhe consumia tempo e cada vez mais Doyle se distanciava de sua principal criação, o detetive Sherlock Holmes. A fim de dedicar-se mais inteiramente à cam-panha propagandística que iria realizar em favor do que ele considera-va como uma nova ciência, Doyle chegou a matar seu personagem em 1891.

Em seu segundo casamento Doyle vivenciou momentos bastan-te traumáticos durante o período imediatamente posterior ao final da

Primeira Grande Guerra. Além da morte de sua primeira esposa - ocorrida quase uma década antes, em 1906 - em 1918 ele também perdeu seu filho Arthur Alleyne Kingsley, um irmão e dois cunhados como consequências diretas ou indiretas da guerra (PUGH, 2018). Após estes eventos, sua dedicação ao espiritualismo cresceu bastante sendo que, entre 1918 - final do conflito mundial - e 1930 - morte de Conan Doyle - ele publicou 14 títulos a respeito do assunto, variando entre os ensaios, crônicas, relatórios de pesquisas e profissões de fé. Além disso ele também investiu uma considerável quantidade de dinheiro viajando pelo mundo para realizar seus prosélitos, tendo visitado Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá, África do Sul e Quênia.

Dentre toda esta lavra há um título intitulado *The History of Spiritualism: from Swedenborg to the beginning of the Twentieth century*⁷, publicado originalmente em 1926 em língua inglesa, mas traduzido para dezenas de idiomas - inclusive o português - ao longo do século XX. No prefácio que escreveu ao livro, o autor deixa clara sua posição e o valor que concede em suas reflexões particulares às ideias dos espíritos e aos desdobramentos que este movimento deveria ter para a história da humanidade:

É mesmo curioso que, considerado por muitos o mais importante da história da humanidade desde a época do Cristo, o movimento espiritualista jamais tenha tido um historiador entre seus integrantes, alguém com larga experiência pessoal de suas características. O sr. Frank Podmore, por exemplo, reuniu grande número de fatos, mas ignorou aqueles que não lhe serviam aos propósitos, esforçando-se por sugerir a inutilidade da maior parte dos restantes, especialmente os fenômenos físicos, quase sempre fraudulentos, em sua opinião. Há a história do Espiritualismo do Sr. McCabe, reduzindo todos os fenômenos à fraude, sendo o próprio título uma

7. Sobre esta obra em particular é interessante, capaz de colaborar na busca por legitimidade de um objeto de pesquisas em torno do *modern spiritualism* dissociado do espiritismo. O livro de Arthur Conan Doyle possui extensos 25 capítulos e mais de 500 páginas, sendo que Allan Kardec e Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas aparecem apenas em um terço de um dos capítulos como expressão do *modern spiritualism* presente na França.

designação incorreta, porque induz o público a comprar o livro sob a impressão de tratar-se de um registro sério e não de uma farsa. Há também uma outra história, de J. Arthur Hill, escrita sob o enfoque da pesquisa psíquica, mas muito longe dos fatos realmente provados. Existem ainda as obras *O Espiritualismo americano moderno: um registro de vinte anos* e *Os milagres do século dezanove*, ambas escritas pela Sra. Emma Hardinge Britten, mulher notável e esplêndida propagandista; mas estes livros, extremamente valiosos, referem-se apenas a fases da história do Espiritualismo. Finalmente - o melhor destes trabalhos - *A sobrevivência do homem após a morte*, do Reverendo Charles L. Tweedale. Não tem ele, contudo, o propósito de relatar a história do Espiritualismo, mas sim de fazer uma exposição - aliás, excelente - a respeito da verdade do culto religioso. Há histórias gerais do misticismo, como as escritas por Ennemoser e Howitt; não existe, porém, descrição alguma definida e abrangente da evolução do movimento espiritualista mundial. (DOYLE, 2012, p. 13-14)

Nesta citação se observa o objetivo claro do autor: tornar-se historiador do *modern spiritualism*, não como mero acadêmico ou cronista. Conforme ele próprio destaca no início de sua fala, faltaria ao movimento “entre os seus integrantes” quem cumprisse tal papel. Conan Doyle não apenas se debruçou sobre o tema como também assumiu publicamente a função de adepto, praticante e missionário. Em seu livro *Naked is the best disguise: the Death and Revolution Of Sherlock Holmes*, o autor Samuel Rosenberg avalia os textos clássicos de Doyle indicando possíveis pistas a respeito de suas crenças espiritualistas.

Neste rápido panorama, sequer tomamos como referência os casos em que personalidades de escritores mortos supostamente retornariam a escrever através de médiuns, completando, ampliando ou apresentando suas obras ao longo da segunda metade do século XIX e primeira do século XX. Olhando para este horizonte, seria impossível não falar dos casos de Charles Dickens, em 1873, através do mecânico T.P.James (BOZZANO, 2013, p. 27-30); o de Oscar Wilde através de Esther Dowden, em 1923 (BOZZANO, 2013, p. 43-54) ou de Patience Worth, através de Pearl Leonore Curran, nas décadas de 1910 e 1920

(BOZZANO, 2013, p. 55-86). Todos estes casos - cito apenas alguns - obtiveram grande publicidade e antes que médiuns brasileiros como Francisco Cândido Xavier produzissem títulos como Parnaso de Além-Túmulo (1910), já circulavam, sobretudo, entre América do Norte e Europa.

O exposto aponta para o destaque do *modern spiritualism* na mentalidade ocidental ao longo dos séculos XIX e XX. Os homens e mulheres daquele tempo se imaginavam diante de uma realidade de tal forma poderosa que foi capaz de transbordar os limites da seita, do movimento religioso, passando ao pensamento moral, e à cultura de massas. Tal característica é valiosíssima para a compreensão da religião americana na modernidade, porque indica uma penetração amplamente eficaz dessa espécie de modernização da relação com o sagrado através de espíritos de homens e mulheres conhecidos, possuidores de personalidades humanizadas e capazes de interferir em assuntos também humanos.

Uma das marcas do *modern spiritualism* foi a utilização massiva dos órgãos de imprensa, cartas e livros para difundir suas ideias e alcançar praticantes distantes uns dos outros. Como a maioria de seus adeptos fosse crítica da religião institucionalizada, não se denominasse necessariamente como “espiritualista” e nem mesmo aceitasse a gestão de alguma entidade superior organizadora do movimento, o principal indício disponível para o estudo do espiritualismo está disponível nos livros e periódicos dedicados ao assunto. Ann Braude destaca o papel da imprensa na difusão do espiritualismo da seguinte forma:

Spiritualists did not join organizations, but they did read and write. Because the movement shunned the kind of structures that in other American denominations served to foster cohesion and spread information, it relied heavily on the public press. Books and periodicals helped fill the gap left by the lack of organization. Spiritualist publications linked isolated believers across America, providing a vehicle for communication and solidarity for those who shared a belief that, although widespread,

could be extremely unpopular in a locality with only a few adherents. Because the leading mediums and advocates of the movement were itinerant and their movements were unpredictable, they could be followed only through the centralized information provided by newspapers. By the end of the century, over a hundred periodicals had reported news of spiritual manifestations and the movement they began. Though many had small circulations and short lives, between twenty and thirty were in print during most years between the movement's beginning at the end of the 1840's and its decline in the 1890's. (BRAUDE, 2001, p. 26)

Com base nos dados expostos, se destaca o papel da circulação das ideias escritas como principal fonte de popularização das ideias espiritualistas. Exatamente pelo caráter não sistemático que se opunha à criação de uma ortodoxia diante dos fenômenos, cada um poderia experimentar ao seu modo o que imaginava ser a mediunidade e o contato com o além. À medida que o tema das *séances* alcançava grupos de intelectuais e estes assumiam a postura de pesquisadores ou de advogados do movimento através de cartas, artigos ou referências em suas obras, a penetração de ideias como *espírito*, *médiuns*, *mediunidade*, *mundo dos espíritos* – para citar alguns exemplos – alcançava diversas faixas da sociedade, colaborando para a consolidação de um imaginário coletivo a respeito do espiritualismo/ espiritismo.

Bibliografia:

- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. A mesa, o livro e os espíritos. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. EdUFAL: Maceió: 2009.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno. Petrópolis, RJ. Vozes: 2012.
- BOZZANO, Ernesto. Literatura de Além-Túmulo. São Paulo: Lachatre, 2013.
- BRAUDE, Ann. Radical Spirits: Spiritualism and Women's Rights in Nineteenth-Century América. Indiana University Press: Bloomington, 1989.
- CAAMAÑO, Eduardo. HOUDINI: A extraordinária história do mago que ganhava a vida escapando da morte. Edição do Kindle: Denied Books, 2016.

Paginação Irregular.

- DOYLE, Arthur Conan. *A História do Espiritualismo: de Swendenborg ao início do século XX*. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro: 2013.
- DOYLE, Arthur Conan. *Memoires and Adventures*. Little Brow, and Co. Boston, 1924.
- GIBSON, John M; GREEN, Richard L. *Letters to the Press*. University of Iowa Press: Iowa City, 1986.
- HUGO, Victor M. *O Livro das Mesas: as sessões espíritas de Jersey*. Organização, apresentação, estabelecimento do texto e notas Patrice Bolvin. Tradução André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2018.
- HUGO, Victor. *Os Trabalhadores do Mar [com índice ativo]*. Centaur. Edição do Kindle.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1999.
- LELLENBERG, Jon L. *The Quest for Sir Arthur Conan Doyle*. Southern Illinois University Press: Carbondale, 1987.
- LEONARD, Todd Jay. *Talking to the Other Side: A History of Modern Spiritualism and Mediumship*. Lincoln: iUniverse, 2005.
- MEURICE, Paul. *The Letters of Victor Hugo: from exile, and after the fall of the empire*. The Riverside Press: Cambridge, 1898.
- NELSON, Geoffrey. *Spiritualism and Society*. Routledge & Kenan Paul: Londres, 1969.
- OPPENHEIM, Janet. *The other World: spiritualism and psychical research in England, 1850-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- PUGH, Brian W. *A Chronology of the Life of Sir Arthur Conan Doyle*. London: MX Publishing, 2018.
- STOWE, Harriet B. *A Cabana do Pai Tomás*. Barueri: Amarilys Editora, 2016.
- VASCONCELOS, João. *Espíritos Clandestinos: Espiritismo, Pesquisa Psíquica e Antropologia da Religião entre 1850 e 1920*. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 23(2):92-126, 2003.
- WANTUIL, Zêus. *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro: 1958.
- WEISEBERG, Bárbara. *Falando com os Mortos: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo*. Agir: Rio de Janeiro, 2011.